

CAPÍTULO I

REVISÃO DA LITERATURA

1. A HISTÓRIA DA MODALIDADE

1.1. James Naismith – O criador do basquetebol?

Muitas referências bibliográficas assim o apontam, no entanto, Frank J. Basloe considera outra hipótese, lançando a polémica. Este promotor de basquetebol profissional preconizou que a criação do jogo de basquetebol ocorreu em Dezembro de 1890, na Y.M.C.A (*Young Men's Crithian Association*) de Herkimer (New York), por um rapaz de quinze anos denominado Lambert Will. Como prova, Basloe apresentou um artigo retirado do Utica Daily Press (Jornal de Utica) de 19 de Fevereiro de 1898, onde vinha referido que a Y.M.C.A de Herkimer tinha uma equipa de basquetebol em 1891.

Basloe apoiou a sua defesa em três factos: 1) o jovem Lambert Will, na sua inocência, utilizando uma couve e um cesto de pêssegos pendurado numas escadas, deu início a um processo similar ao jogo de basquetebol; 2) Lambert levou o seu jogo para a Y.M.C.A de Herkimer, onde foram criadas duas equipas: a dos jovens e a dos homens de negócios, as quais realizaram o primeiro jogo de basquetebol nos Estados Unidos da América a 7 de Fevereiro de 1891; 3) a equipa de basquetebol de Herkimer nunca foi derrotada até 21 de Fevereiro de 1892 quando perdeu um jogo para a Y.M.C.A de Albany, associação que aprendeu o jogo a partir da Y.M.C.A de Herkimer.

“A hipótese acima referida é fortemente suportada pelos resultados de uma pesquisa exaustiva de documentação contemporânea conduzida por Edward J. Hickox, secretário da Basketball Hall of Fame, complementada com os esforços do autor (Basloe)”(Weyand, 1960).

É possível encontrar uma referência numa revista da Y.M.C.A de Herkimer datada de Dezembro de 1892 que diz *“o jogo de basquetebol foi introduzido tardiamente”*, facto que pressupõe que o mérito da criação do jogo pertencia a outra pessoa que não a Naismith. No entanto, numa nota da Y.M.C.A em Albany, em Fevereiro de 1892 diz *“Estamos muito agradecidos ao Sr. James Naismith da Escola*

de *Treino de Springfield por criar este valioso jogo*” (Weyand, 1960). Esta referência pôs um ponto final na polémica.

1.2. As origens

Arqueólogos que estudaram as origens do basquetebol, afirmam que a ideia base do jogo, adveio do *pok-ta-pok*, um jogo praticado pelos índios Maias na América Central, a civilização Azteca, que sucedeu em poder aos Maias, adoptou o jogo e denominou-o *tlachtli*. Se Naismith se inspirou no jogo Azteca para criar o basquetebol, nunca se vangloriou disso, no entanto proporcionou a vários intervenientes da altura a possibilidade de contribuírem para a criação da modalidade.

Ao contrário de muitos desportos modernos que encontram as suas origens nas antigas tradições, o basquetebol foi “*racionalmente inventado num período preciso*” (Bouet *cit in* Bosc et al, 1996).

O jogo de basquetebol foi criado em Dezembro de 1891 em Massachussets, fruto da necessidade que o Dr. James Naismith (professor de Anatomia) tinha de encontrar uma actividade que mantivesse os seus alunos activos durante o Inverno e que fosse praticada em recinto interior. Naismith imbuído na temática em discussão na altura, prática de actividades físicas em prol da saúde, procurou um jogo que satisfizesse os alunos. O departamento de educação física da School for Christian Workers (hoje Springfield College) solicitou então, a criação duma actividade que ocupasse os alunos entre o futebol americano e o basebol (actividades de exterior).

“*Naismith pensou em adaptar jogos de exterior, populares, e simplificar-lhes os movimentos para o interior, no entanto, decidiu que estes eram demasiado rudes para se confinarem a um ginásio. Procurou então criar um novo jogo*” (Galvão, P. 2001).

O jogo, ao contrário do actual, não deveria ser provido de contactos, tentando criar uma actividade menos violenta em oposição ao futebol americano. Desta forma, tentou inicialmente adaptar as regras desta última modalidade descaracterizando-a e tornando-a alvo de risos dos alunos.

Naismith no seu livro “*Basketball, Its Origin and Development*”, baseou o jogo em cinco princípios, que deram origem às treze regras fundamentais:

1. A bola deveria ser grande e leve de forma a ser manejada com facilidade e que não pudesse ser escondida pelos jogadores;
2. Não era permitido o transporte da bola durante a corrida;
3. Não era possível limitar a procura da bola sempre que esta se encontrasse em jogo;
4. Não era permitido contacto pessoal e as equipas ocupavam a mesma área de jogo;
5. O alvo deveria ser elevado e horizontal.

A criação destes princípios teve como base a reflexão sobre alguns conceitos: a popularidade que o novo jogo teria de ter, a procura do desenvolvimento de capacidades físicas para além da força e resistência e a “*suavização*” do jogo, não permitindo o contacto e retirando alguma rudeza.

Os jogos com bola na altura praticados eram já atractivos, nomeadamente os que se jogassem com uma bola grande, mais fácil de manejar. No entanto, esta nova modalidade, veio estimular o desenvolvimento de capacidades físicas e de tomada de decisões que até aí não eram solicitadas. Aos atletas era ainda exigida uma maior capacidade de decisão, fruto da impossibilidade de haver contacto. Por fim, o facto de as duas equipas coabitarem na mesma área de jogo permitia um maior conjunto de interacções entre os atletas, envolvendo-os mais no jogo.

Na sua infância, Naismith praticou um jogo denominado “*Duck on a Rock*” que tinha como objectivo acertar num alvo colocado num muro com pequenas pedras. Deste jogo, Naismith utilizou o mesmo princípio mas com outros elementos, tais como a bola de futebol. Faltava determinar o tipo de alvo a utilizar, este foi encontrado em dois cestos redondos de pêssegos, que foram colocados a 3.05 metros de altura (altura que se mantém actualmente).

O primeiro jogo realizou-se a 21 de Dezembro de 1891, no Springfield College, foi disputado entre professores e alunos, com o pormenor de se utilizar uma escada para retirar a bola do cesto. O jogo de Naismith progrediu rapidamente em popularidade e em número de praticantes. “*Em menos de um ano o jogo era jogado em todos os Estados Unidos*”. (Frazier, 1998).

1.3. Os motivos que concorreram para a criação da modalidade

“Para além dos diferentes documentos e contributos pessoais que concorreram para a criação do jogo, têm também relevância as assumpções e atitudes culturais da época” (Baker, W. cit in Naismith, J.1996). De facto, novas visões da saúde, da religião e do desporto de competição marcaram a reflexão de Naismith na criação do jogo. Factores como o aumento da natalidade, o aumento do número de cidades, carências a vários níveis e seus problemas endémicos, originaram o aparecimento de doenças, sobre as quais não existiam informações nem tratamento. A solução preconizada pelos médicos passava pela promoção da higiene, dietas apropriadas e exercício físico vigoroso, factores que incrementaram uma prática desportiva mais regular (foram criados pavilhões, espaços verdes e ginásios para esse fim).

A partir do século dezanove, a “indústria do desporto” teve um significativo aumento, foram feitos vários acordos entre presidentes de câmara e organizações privadas no sentido de proporcionar mais infra-estruturas desportivas. Uma destas organizações, YMCA, começou em Londres passando mais tarde para a América do Norte em 1850, tinha como pressuposto tratar das necessidades morais e físicas dos jovens.

Naismith, na presença de vários factores da época (necessidade de exercício físico, afastamento dos maus hábitos da vida e luta contra as doenças), e perante a necessidade de encontrar um jogo de interior, inventou o basquetebol.

2. AS TREZE REGRAS ORIGINAIS

Naismith sentiu necessidade de criar um conjunto de regras que orientassem os atletas, sem as quais não poderia por em prática o jogo idealizado. De facto, os atletas tinham uma natureza agressiva devido aos desportos mais praticados na altura, existindo assim a necessidade de controlar essas condutas.

Naismith descreveu o “Basketball” e as suas treze regras originais numa publicação da YMCA, “The Triangle”, sob o título “Um Novo Jogo”. Esta publicação pretendia divulgá-lo e possibilitar aos atletas o estudo das regras.

Ao longo do tempo as regras foram-se modificando, no entanto, os seus princípios mantiveram-se, estas são as treze regras originais:

1. A bola será de futebol e poderá ser lançada em qualquer direcção com uma ou duas mãos;

2. A bola pode ser empurrada, em qualquer direção com uma ou duas as mãos (nunca com os punhos);
3. Um jogador não pode correr com a bola, deve atirá-la do sítio em que a agarrar; deve haver benevolência para o jogador que agarra a bola quando corre com grande rapidez;
4. A bola deve ser segura com as mãos. Os braços ou corpo não deve ser usados para a segurarem;
5. Não é permitido o encosto de ombro, puxar, agarrar, bater ou rasteirar de qualquer modo o adversário. A primeira infracção desta regra é punida com uma falta e a segunda desqualifica o jogador até novo cesto, ou se for evidente a intenção de magoar o adversário, para todo o jogo, não sendo permitida a substituição;
6. Bater a bola com o punho fechado é falta por violação às regras dois e quarto e deve ser punida como descrito na regra cinco;
7. Se qualquer das equipas fizer três faltas consecutivas, deve contar um ponto para a equipa adversária (consecutiva significa, sem o oponente fazer falta pelo meio);
8. O ponto é contado quando a bola é lançada para o cesto e aí permanece, sem que a equipa que defenda lhe possa tocar;
9. Quando a bola sai fora do campo pode ser reposta em jogo pelo primeiro jogador que lhe toque e deve atirá-la para dentro do campo;
10. O árbitro auxiliar será juiz dos jogadores e deve apontar as faltas avisando quando forem cometidas três consecutivas, tem poderes para desqualificar os jogadores de acordo com a regra cinco;
11. O árbitro será o juiz da bola, devendo decidir quando se encontra em jogo, quando sai fora do campo, a quem pertence e tomar conta do tempo; o árbitro decidirá quando é cesto, tomará conta dos pontos marcados e tem todos os deveres que se ponham sob a sua responsabilidade;
12. O tempo do jogo é de trinta minutos, dividido em duas partes de quinze minutos com um intervalo de cinco minutos;
13. A equipa que fizer mais pontos nesse tempo será declarada vencedora. No caso de empate, o jogo deve continuar até que se faça outro cesto, desde que os capitães concordem.

3. A EVOLUÇÃO DO BASQUETEBOL: ALTERAÇÕES ÀS REGRAS ORIGINAIS

As regras são condutas que permitem assegurar ordem e estabilidade nas sociedades de hoje, sempre que infringidas, torna-se pertinente a sanção dessas violações. Como refere Vaz (2001), *“paralelamente, o mesmo acontece nas manifestações desportivas. A estruturação de uma actividade como o desporto colectivo necessita da adopção (...) de regras a respeitar, (...) cada modalidade dispõe do seu código de arbitragem, editado pelas diferentes federações, no qual está inserida a totalidade de acções de jogo. Este regulamento determina os direitos e as proibições de cada um, e dá a cada equipa igualdade de oportunidades desde o início”*.

Os fundamentos técnicos podem ser condicionados pela dinâmica das regras, muitos gestos técnicos são criados no surgimento ou alteração de uma regra. De facto, a ANTB (Associação Nacional de Treinadores de Basquetebol, 1977) refere *“o aparecimento de técnicas novas só foi possível porque foram criadas oportunidades para a sua elaboração no momento em que as regras se modificaram”*. É possível então, verificar os aspectos mais importantes da evolução do basquetebol pela dinâmica das suas regras.

3.1. A uniformização das regras

No que concerne à história das regras do basquetebol, podemos observar várias alterações no decorrer dos tempos. Durante os dois primeiros anos após a criação do basquetebol, todas as questões acerca das regras eram tratadas na secção de treino da Y.M.C.A por Naismith, mas rapidamente, o organismo tornou-se insuficiente, existindo a necessidade de se criar uma estrutura mais eficaz na resposta às necessidades. Como refere Holman (1950) *“foram enviados questionários a treinadores e instrutores, os que responderam, foram denominados representantes do primeiro”Basketball Co-operating Committee”, operando sob a jurisdição da Y.M.C.A”*, tornando-se assim, o primeiro grupo de análise às regras de basquetebol.

A popularidade do jogo aumentou tanto que em 1894 a Y.M.C.A. juntou forças com a “Amateur Athletic Union” para criar o primeiro guia de regras impresso sob a égide da “Spaulding Company”.

A NCAA (National Collegiate Athletic Association), aproveitando as regras formuladas em 1908 e juntamente com Amateur Athletic Union, formou em 1915 o “Joint Basketball Rules Committee”, que existiu até 1933. Em 1934 as regras do jogo foram uniformizadas, com o dissolvimento do “*Joint Basketball Rules Committee*” e com a formação do “*National Basketball Committee*”.

A tabela 1 reflecte a ordenação cronológica das várias entidades que tomaram sobre si a responsabilidade da gestão das regras até à sua uniformização. Indica também o período de tempo no qual as diferentes organizações se mantiveram no comité regulador das regras assim como o número de organizações envolvidas desde a sua génese (desde apenas uma até cinco).

Não foi encontrada explicação nas referências bibliográficas para o facto de a Chartered Board of Officials ter sido abolida das instituições em 1933, porém presumimos que a uniformização das organizações que tutelavam as regras tenha concorrido para a extinção e/ou fusão da mesma com outras já existentes.

ANO	ORGANIZAÇÕES
1892	Young Men´s Christian Association
1896	Young Men´s Christian Association Amateur Athletic Union
1915	Young Men´s Christian Association Amateur Athletic Union Nationall Collegiate Athletic Association
1927	Young Men´s Christian Association Amateur Athletic Union Nationall Collegiate Athletic Association Chartered Board of Officials
1929	Young Men´s Christian Association Amateur Athletic Union Nationall Collegiate Athletic Association Chartered Board of Officials Nationall Federation of States High Scholl Atheletic Associations Canadian Amateur Basketball Association
1933	Young Men´s Christian Association Amateur Athletic Union Nationall Collegiate Athletic Association Nationall Federation of States High Scholl Atheletic Associations Canadian Amateur Basketball Association

Tabela 1: Organizações responsáveis pelas regras de basquetebol (Adaptado de Naismith, 1996)

3.1.1. O número de atletas

Naismith considerou que cada equipa poderia ter de três a quarenta elementos, sendo o número ideal nove (uma vez que nas suas aulas, com dezoito alunos,

poderia ter duas equipas). Como refere Bosc et al (1996), “*Naismith precisou um número de nove elementos ideal, repartidos em três frentes, (...) mas também foi possível ver encontros com cinquenta atletas jogados com duas bolas*”. O guia de basquetebol da “Spaulding” (Spaulding Oficial Basketball guide) refere “*se um grande número de atletas desejar jogar, poderão ser usadas duas bolas ao mesmo tempo, aumentará a diversão mas a ciência do jogo perderá*” (Holman, 1950).

Em 1893, houve a primeira revisão das regras feita em colaboração com o Dr. Gulick, fixando-se em cinco ou nove jogadores por equipa. No ano seguinte, 1894, foi adicionado também o número de sete elementos por equipa. Era comum ver nove atletas em ginásios grandes, porém como refere o “Spaulding Oficial Basketball guide” em 1896 definiu que, “*cinco é o melhor número para jogos de campeonato*” (Holman, 1950). Na época de 1897-1898, foi considerado obrigatório constituir a equipa com cinco jogadores, o que provocou a eliminação dos campos divididos a meio, utilizados quando as equipas possuíam um número superior de jogadores.

A tabela 2, reflecte a evolução do número de atletas por equipa em jogo e o número possível de atletas a seleccionar para um encontro.

ANO	NÚMERO DE JOGADORES - EQUIPA
1891	9 – 3 a 40
1893	5 ou 9
1894	5, 7 ou 9
1896	5 (n.º melhor) -----» +
1897	5
1932	5+2 suplentes
1937	5+5 suplentes
1948	5+7 suplentes
1973	5+5 suplentes

Tabela 2: Evolução do número de atletas (LUDENS, vol. 1, N°2 Jan. 1977)

De facto, é possível verificar que praticamente desde o início da modalidade se encontrou um consenso para o número ideal de jogadores em campo (cinco atletas), no entanto, até 1894 existiu a possibilidade de um maior número de jogadores coabitarem dentro de campo. De facto, as dimensões do campo eram o factor que muitas vezes determinava o número de atletas, já que estas eram variáveis, chegando mesmo nos primórdios, a não existir linhas delimitadoras (de 1891 a 1893). A partir

de 1932 foi considerada a possibilidade de existirem jogadores suplentes, estes seriam em número de dois perfazendo um total de sete jogadores por equipa. Em 1937, o número total de atletas por equipa era de dez (número que acompanhou a evolução do basquetebol durante muitos anos), sendo que cinco atletas seriam suplentes. O número de substituições passa a ser ilimitado (Ferreira, 2004). Em 1948, o número de atletas por equipa era de doze (à semelhança dos dias de hoje), sendo sete atletas suplentes, voltando em 1973 a ser de dez jogadores com cinco suplentes (facto que perdurou até à época 2002-2003). Não foi possível encontrar nas referências bibliográficas o motivo porque existiram as alterações ao número de suplentes, no entanto, pensamos que a razão que esteve por detrás da decisão reporta-se à tentativa de uniformização das regras do jogo, tentando caracterizar a modalidade de uma forma coerente e acompanhar a evolução da mesma face às alterações ocorridas durante os tempos.

3.1.2. Faltas

As faltas constituem transgressões às regras das modalidades. Na ausência destas, o jogo tornar-se-ia anárquico concorrendo para a ocorrência de fraudes e comportamentos desajustados.

O número de faltas permitidas no jogo foi variando, existe hoje em dia a possibilidade do atleta se manter em jogo com um maior número de faltas do que no passado. *“Este aumento poderá ser explicado pelo facto de muitos jogadores e treinadores pensarem que tudo aquilo que as regras não proíbem expressamente, está autorizado e pode ser posto em prática”* (Naismith, 1996).

As primeiras regras estabeleciam que à primeira infracção o atleta seria avisado pelo árbitro pela sua conduta, à segunda infracção o jogador era suspenso, sem poder ser substituído até que a equipa adversária fizesse ponto. Quando tal acontecia, podia regressar ao jogo ficando sem faltas averbadas. Actualmente esta sanção poderia ter consequências mais graves, no entanto, na altura o número de elementos por equipa era de nove, assim a suspensão traria poucas consequências práticas.

Em 1894-1895 a segunda falta implicava a desqualificação do atleta permitindo, no entanto, que fosse substituído por outro jogador. Em 1905-1906, os atletas só poderiam ser excluídos após efectuarem uma falta flagrante e, em 1908-1909 o jogador que acumulasse cinco faltas era excluído. A partir de 1910-1911 o

número de faltas foi reduzido para quatro, permitindo-se efectuar uma extra em caso de prolongamento. Em 1944-1945 o atleta que atingisse cinco faltas era excluído. O número de reentradas de um atleta em jogo em situação de não desqualificado variou consoante os anos, assim, em 1920-1921 poderia reentrar uma vez, em 1933-1934 poderia reentrar duas vezes e a partir de 1944-1945 qualquer número de vezes.

A tabela 3 refere de forma sumária a evolução do número de faltas possíveis de serem efectuadas por um jogador durante um encontro até 1945.

ANO	FALTAS
1891	1ª Infracção–aviso; 2ª Infracção-Suspensão (retorno após cesto da equipa adversária- sem faltas)
1894 1895	2ª Falta-Desqualificação (possível substituição)
1905 1906	Falta flagrante-Exclusão
1908 1909	5 Faltas-Exclusão
1910 1911	4 Faltas-Exclusão (1 falta extra em caso de prolongamento)
1944 1945	5 Faltas-Exclusão

Tabela 3: Evolução do número de faltas

É possível verificar que desde muito cedo, o basquetebol sofreu alterações nas penalizações, no seu número e natureza. No que diz respeito ao número de faltas limite para a exclusão, tentou-se adequar mediante a evolução do jogo e das condutas dos atletas. Em 1908, o número de faltas limite para a exclusão do jogo foi de cinco, facto ainda actual (FIBA). No ano 1910, existiu um retrocesso nesta vertente, no entanto demorou somente três anos para se voltar às cinco faltas como limite desqualificante. Verificou-se também um aumento do número de faltas com o passar dos anos, na tentativa de controlar comportamentos motores e atitudinais, e no sentido de credibilizar a modalidade.

No âmbito da natureza disciplinar, foi criada a falta flagrante (anti-desportiva na FIBA), para sancionar comportamentos violentos. Actualmente, época 2004-2005, duas faltas anti-desportivas correspondem à exclusão do jogador.

3.1.3. Marcação de pontos

Os objectivos do basquetebol poderão, de uma forma simples, ser resumidos em dois: marcar pontos e evitar a marcação de pontos na tabela defensiva. A marcação de pontos tem então especial peso no evoluir da modalidade.

Inicialmente a única maneira de marcar pontos era feita com lançamentos de campo convertidos, porém foi incluída uma cláusula contra as equipas mais agressivas. Assim, *“se forem cometidas três infracções por uma equipa sem que a outra cometa alguma, será averbado um ponto à equipa que não cometeu infracções”* (Naismith, 1996). Esta seria uma infracção grave, visto que cada *“cesto”* convertido valia (na época), um ponto. Em 1893-1894, Naismith considerou no entanto que esta punição seria muito severa, e alterou o valor dos *“cestos”* para três pontos e cada falta cometida por um atleta valeria um ponto, disposição que pretendia corrigir os inconvenientes das primeiras regras. Em 1894-1895, a equipa que sofria falta tinha direito de lançar ao cesto sem oposição a uma distância de vinte pés (6,1 metros), lance livre que marcava um ponto quando a bola entrava, ao mesmo tempo que o lançamento de campo concretizado voltava a valer um ponto. A distância da linha de lance livre foi, em 1895-1896, diminuída para quinze pés (4,6 metros), marcando-se um corredor até à parede onde estava o cesto fixo.

Em 1896-1897, o lançamento de campo concretizado passou a valer dois pontos e o lance livre um ponto. A área de lance livre foi criada em 1897-1898 e o tempo limite de dez segundos para a execução do lançamento foi introduzido nas regras em 1912-1913. Até 1924-1925 existia um atleta *“especialista”* para efectuar lances livres, facto que foi abandonado, passando o jogador que sofreu a falta a ter que efectuar os lançamentos. O lançamento de três pontos foi adoptado mais tarde (1980 na NBA e 1985 na FIBA).

3.1.4. As dimensões do campo

As dimensões do campo são condição necessária para que se possa proceder à prática das diferentes modalidades de uma forma coerente, caracterizando e adequando correctamente os espaços à modalidade pretendida.

Naismith (1996) refere *“será difícil para nós, hoje em dia, visualizar um campo de basquetebol com linhas imaginárias; mas no que diz respeito às regras, esta seria uma das condições para os dois primeiros anos do jogo”*.

Nos primeiros jogos em que as salas eram pequenas, as paredes formavam o limite do campo. Era frequente os jogadores utilizarem a parede ou o tecto, como “tabela” para fazer ressaltar a bola durante o jogo. As colunas que sustentavam o balcão ou a cobertura de muitas salas eram, em vários campos, elementos de estratégia.

As dimensões do campo foram mencionadas pela primeira vez em 1896-1897 quando se fixou a área máxima de 3500 pés quadrados (325,2 m²). Esta área foi ampliada para 4000 pés quadrados (371,6 m²) em 1910-1911, pelas regras da Amateur Athletic Union (A.A.U.). Em 1916-1917, as paredes foram consideradas fora da área de jogo, acabando desta forma, com a marcação de pontos através do auxílio “da corrida e subida da parede”, visto que o cesto estava colocado na parede.

Weyand (1960) diz que em 1894-1895 foi sugerido que as linhas do campo fossem colocadas a três pés (0,9 metros) da parede ou de outros objectos mas somente a partir de 1903-1904 foi exigido que as linhas fossem rectas. Naismith refere que *“mais tarde as regras delimitaram claramente que o formato do campo seria rectangular”* (facto ainda actual).

Em 1917-1918 foi autorizada a marcação de uma zona final de dois pés (0,6 metros) debaixo e atrás do cesto, que no ano seguinte, foi ampliada a todo a largura do campo ficando incluída na área de jogo a partir de 1923-1924. Uma zona de quatro pés de largura (1,20 metros) para além do plano de tabela, era sugerida como medida de adopção nas regras de 1938-1939, tornada obrigatória em 1939-1940, sempre que houvesse espaço livre.

Em 1935-1936 tornou-se interdito a qualquer jogador da equipa atacante manter-se dentro do corredor de lance livre, decisão que apareceu no sentido de retirar os jogadores muito altos que se colocavam indefinidamente perto do cesto

tornando o jogo pouco atraente. Esta decisão foi no entanto insuficiente, acabando por se criar a área restritiva, aumentando desta forma o seu espaço.

A forma da área restritiva foi evoluindo desde o formato de uma garrafa até ao formato actual de um trapézio, no sentido de aumentar a distância do cesto até ao limite da área restritiva, permitindo assim mais espaço perto do cesto e consequentemente mais facilidade para se jogar.

A linha dos 6.25 metros foi criada mais tarde em 1980 na NBA e em 1985 na FIBA (Ferreira, 2004), no intuito de premiar os lançamentos exteriores, a valer três pontos, permitindo acrescentar outra dinâmica aos processos técnico-tácticos do basquetebol (de referir que na NBA, esta linha situa-se a 7,25 metros).

Na presente época desportiva, foi adoptada a denominada “*no call zone*”, zona delimitada perto do cesto (zona de protecção), local onde não podem ocorrer contactos por parte dos atacantes, sendo considerado infracção (existente também na NBA).

3.1.5. A duração do jogo

Desde as suas origens até à actualidade que o tempo de jogo de basquetebol não teve grandes alterações, sendo de quarenta minutos nas competições da FIBA, e perfazendo na NBA (“*National Basketball Association*”) cinquenta e oito minutos.

Durante o período de 1891 a 1893, a duração do jogo era de trinta minutos (duas partes de quinze minutos com um intervalo de cinco minutos). Em 1893-1894, cada parte passou a ser de vinte minutos, com um intervalo de dez minutos. Em caso de empate, a regra de “morte súbita” era aplicada, ganhava a equipa que marcasse o primeiro cesto. Os prolongamentos de cinco minutos foram considerados nas regras em 1907-1908 para desempatar jogos.

Na época 1999-2000, as duas partes de vinte minutos, foram subdivididas em quatro partes de dez minutos, sendo o intervalo de cada período de dois minutos e o intervalo entre o segundo e terceiro período de quinze minutos, mantendo-se assim até à actualidade.

3.1.6. O começo do jogo

Nem sempre o início do jogo se efectuou da mesma forma. As alterações efectuadas procuraram acompanhar a evolução do jogo e proporcionar a ambas as equipas as mesmas condições para o ganho da posse de bola.

Inicialmente o jogo começava quando o árbitro principal, colocado na linha lateral, lançava a bola ao ar em direcção ao centro do campo para ser disputada pelos dois jogadores centrais. Mais tarde, em 1893-1894, o jogo começou a ter início no meio do campo com bola ao ar entre os dois jogadores centrais (facto que ainda hoje permanece). Em 1897-1898 definiu-se uma área restritiva e mais tarde, 1936-1937, juntou-se outro círculo restritivo no sentido de ser disputada a bola ao ar que determinava o início do jogo. Este segundo círculo tinha como finalidade isolar os dois atletas ressaltadores dos restantes. Após a marcação dos cestos, o jogo era reiniciado no centro com bola ao ar, mas para tornar o jogo mais rápido, a bola passou a ser posta em jogo na linha final, em 1937-1938 (facto ainda actual).

Na presente época, existe somente uma bola ao ar, a do início do encontro, facto que concorre em consonância com a alteração referida no parágrafo anterior, no sentido de tornar o jogo mais rápido.

4. EXPECTATIVAS AO LONGO DOS TEMPOS

Muitos estudiosos do basquetebol, treinadores e investigadores, de acordo com a sua filosofia do jogo e interagindo com a sociedade onde estavam integrados, permitiram-se fazer um pouco de futurologia acerca da evolução da modalidade. Siedentop na sua obra *The Theory and Science of Basketball* (1975), perspectivou a evolução do basquetebol, assim como algumas alterações às regras, fundamentadas em alguns princípios que ainda não se concretizaram, porém outros acompanharam o evoluir da modalidade.

Este conjunto de previsões foi feito combinando o senso comum com uma visão contemporânea e um pouco de pura conjectura, fundamentado nos factores históricos (antropológicos) que podem orientar-nos numa perspectiva evolutiva. Assim sendo, apresentamos algumas previsões elaboradas por Siendentop:

DIMENSÃO TÉCNICO-TÁCTICA	DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA	DIMENSÃO COMPORTAMENTAL	DIMENSÃO COMERCIAL / ESPECTÁCULO
<p>Estudo e troca de opiniões resulta na procura de soluções;</p> <p>Nova dinâmica devido a talentos excepcionais;</p> <p>Técnica individual e/ou colectiva ofensiva mais trabalhada fora do treino criando novas formas de lançamentos.</p>	<p>Novas ideias de outros jogos desportivos;</p> <p>Reutilização de velhos métodos e técnicas;</p> <p>Aumento da velocidade do jogo trouxe uma nova concepção;</p> <p>Jogadores mais altos, mais fortes, mais rápidos e mais dotados;</p> <p>Os jogos internacionais permitem a troca de experiências, no que diz respeito a diferentes modelos e abordagens do basquetebol.</p>	<p>Novas regras para condicionar e/ou promover certos movimentos;</p> <p>Alterações às regras para limitar a permanência de atletas em certas áreas do campo;</p> <p>Alteração dos acessórios do jogo (bola, tabela, aro e equipamentos).</p>	<p>Maior pesquisa no desenvolvimento do jogo (ataque e defesa) devido ao entusiasmo do público.</p>

Tabela 4: Princípios sobre a evolução do basquetebol [*Adap The Theory and Science of Basketball (Siendentop,1975)*]

As seguintes previsões foram idealizadas tendo em conta os princípios anteriormente. O tempo que levará até que estas previsões se materializem ou não, dependerá da evolução do basquetebol doravante. Estas ideias não estão apresentadas necessariamente por uma ordem cronológica mas sim pela ordem em que foram concebidas.

4.1. Previsões

4.1.1. Dimensão técnica

- Nova dinâmica do passe, que será mais rápido e em corrida;
- Mais e melhores passadores, para manter as defesas desequilibradas;
- Maior capacidade de lançar em corrida, após a recepção de passe, após drible e execução de movimentos com grande velocidade;

- Novos lançamentos com maiores graus de dificuldade de execução e concretização. Exemplo disso será a adoção universal da regra dos três pontos que aumentará o valor do lançamento de longa distância;
- O “lançamento em gancho” será cada vez mais utilizado, sendo a sua execução feita mais longe do cesto.

4.1.2. Dimensão tática

- As estratégias das equipas serão cada vez mais dependentes das situações de jogo (especificidade tecnico-tática). O jogo individual ofensivo e defensivo tornar-se-á mais móvel, mais agressivo, principalmente na defesa. Os modelos de jogo das equipas serão condicionados pelo aumento da mobilidade dos atletas;
- Maior conhecimento e análise do tempo real de jogo, controlando a duração das fases, distância percorrida/tempo, duração das tarefas e dos descontos de tempo;
- Existirá um menor número atletas especialistas em certas posições de jogo e consequente eliminação destes, à exceção do jogador poste;
- O “*Scouting*” (estudo dos adversários) permitirá conhecer melhor os hábitos das equipas/jogadores (vantagens/desvantagens).

4.1.3. Dimensão atlética

- Atletas mais fortes e altos predominarão sobre os mais baixos. Os jogadores de estatura média irão dominar alguns aspectos de jogo que são resultado da combinação da rapidez do jogador pequeno e a capacidade de salto para atingir a altura do jogador alto;
- O aumento da concentração dos atletas durante o jogo superará limitações e fraquezas a nível físico.

4.1.4. Dimensão comportamental (regras)

- Exploração das regras no sentido de determinar possibilidades de criação de novos movimentos legais;

- As regras internacionais tornar-se-ão oficiais (uniformização). A regra dos dez segundos será eliminada, o que permitirá às equipas usarem todo o campo para manobras ofensivas e defensivas;
- O tempo limite de lançamento (provavelmente a regra dos trinta segundos) será adoptado a todos os níveis do basquetebol;
- A regra que contempla a 5ª falta (que dá direito à exclusão) será substituída por outras mais rigorosas para os atletas que cometam mais faltas;
- As faltas continuarão a ser um problema, que será sempre a fonte de críticas quer por parte do público quer do ponto de vista dos treinadores;
- Haverá um aumento da distância entre o cesto e a linha de fundo. Este facto irá proporcionar um jogo mais interessante, pois possibilita o desenvolvimento de novas técnicas;
- A arbitragem será menos técnica e mais cuidada;
- Os árbitros terão uma posição diferente em campo, não interferindo directamente com os jogadores e ocupando uma posição privilegiada (de forma suspensa e mecanicamente móvel), permitindo acompanhar os jogadores e observar melhor as infracções às regras;
- Comunicará as suas decisões aos jogadores e aos outros árbitros em campo através de um microfone;
- Existência de três oficiais de arbitragem em campo será universal.

É pertinente referir que Siendentop conseguiu antecipar muitas das alterações que foram sendo introduzidas até à actualidade, o que demonstra um profundo conhecimento do jogo, assim como a sua possível evolução.

As sugestões apresentadas não esgotam certamente todas as possibilidades de alterações que possam ocorrer no jogo do basquetebol, sendo apenas prognósticos feitos por observadores interessados neste desporto. São medidas prováveis para um futuro próximo.

5. A DINÂMICA DAS REGRAS ENTRE 1999 E 2004

O jogo de Basquetebol continua a crescer em popularidade por todo o mundo. Este sucesso contínuo exige que os regulamentos que coordenam o desporto assegurem que os jogos sejam competitivos e emotivos. Ao mesmo tempo, a

Comissão Técnica (*Central Board*) da FIBA, tem o dever de assegurar que o regulamento não permita oportunidades às equipas de ganharem vantagens desleais sobre os seus oponentes.

No sentido de atingir e manter estes objectivos, a FIBA determinou que havia necessidade de efectuar alterações ao regulamento. Em anexo podemos encontrar em quadro resumo, todas as alterações às regras entre os anos de 1999 e 2004, sendo que, e conforme explicação oficial ministrada por uma entidade oficial (LCB), existiram consideráveis alterações às regras nas épocas desportivas 1999/2000, 2002/2003 e 2003/2004. As excepções foram as épocas de 2000/2001 e 2001/2002 onde não ocorreram alterações significativas.

Foi questionado a esta entidade o quando, como e porquê das alterações das regras de basquetebol, sendo possível retirar alguns factos relevantes para o nosso estudo. No que diz respeito à periodicidade das alterações, por norma anterior que remonta a longa data, as alterações às regras da modalidade eram apenas efectuadas de quatro em quatro anos, especificamente nos anos intermédios aos jogos olímpicos. Desde há uma década até aos dias de hoje, começaram a aparecer algumas alterações de permeio, sendo que recentemente, estas tenham sido anuais (2003 e 2004). Poder-se-á categorizar as alterações às regras sob uma forma institucional em termos de periodicidade da seguinte forma:

- 4 em 4 anos (excluindo os anos do ciclo olímpico)
- Ocasional
- Anual

Esta periodicidade das alterações traz dois tipos de efeitos à modalidade: positivos por um lado, devido ao facto de existir uma tentativa de contribuir positivamente para o desenvolvimento do jogo, por outro lado negativos, visto que contribui para a desactualização quase permanente da documentação obrigando os agentes desportivos (árbitros, treinadores e jogadores) e o próprio público a adaptarem-se às constantes mudanças, o que acaba por trazer alguma confusão nos períodos iniciais das épocas desportivas.

Relativamente às alterações das regras oficiais podemos verificar que são determinadas pela Federação Internacional (FIBA), designadamente através da sua Comissão Técnica e após larga discussão sobre a matéria, sendo que por norma, é efectuada uma consulta prévia às Federações Nacionais, para que apresentem sugestões de alterações, assim como, é dada toda a abertura para que qualquer agente

ligado à modalidade possa dar o seu contributo e efectuar sugestões com base na sua experiência e/ou observação.

Em conclusão podemos enunciar que os objectivos das alterações são muitos e variados, porém decorrem das seguintes situações:

- Necessidade de tornar o jogo mais vivo e espectacular;
- Combater a violência e preservar o espírito do jogo;
- Eliminar aproveitamentos ilegais que os jogadores e/ou treinadores façam entretanto das próprias regras;
- Evolução constante do próprio jogo, na procura de melhores soluções que, por um lado respeitem a sua génese e, por outro, permitam um espectáculo capaz de atrair multidões.

As alterações ocorridas na época 2003-2004, não se cingiram às próprias regras e suas interpretações, mais do que isso, os agentes que se debruçam sobre o jogo acharam pertinente reconfigurar a própria estrutura do regulamento. Para isso apresentaram quatro directrizes:

1. A redacção de alguns artigos passou a ser mais simples e clara;
2. Todas as descrições de equipamentos foram transferidas para o apêndice do equipamento de basquetebol;
3. As definições relativas aos deveres e poderes de árbitros, oficiais de mesa e comissários foram agrupadas e colocadas na parte final das regras;
4. O número de artigos foi reduzido de cinquenta e oito para cinquenta.